

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ  
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MARIA MIZUKI DE MELO CRUZ OSERA

**O SEGREDO POR TRÁS DOS OLHOS ESTRANGEIROS QUE  
CRESCEM EM TERRAS DISTANTES: UM ENFOQUE SOBRE O  
JAPÃO**

Recife  
(2022)

MARIA MIZUKI DE MELO CRUZ OSERA

**O SEGREDO POR TRÁS DOS OLHOS ESTRANGEIROS QUE  
CRESCEM EM TERRAS DISTANTES: UM ENFOQUE SOBRE O  
JAPÃO**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Relações Internacionais, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Lira

Recife  
(2022)

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

O81s Osera, Maria Mizuki de Melo Cruz.  
O segredo por trás dos olhos estrangeiros que crescem em terras  
distantes: um enfoque sobre o Japão / Maria Mizuki de Melo Cruz  
Osera. – Recife, 2022.  
29 f.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Lira.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações  
Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2022.  
Inclui bibliografia.

1. Identidade. 2. Etnia. 3. Nipo-brasileiro. 4. Migração. 5. Japão.  
Brasil. I. Lira, Luciana. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III.  
Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2022.2-027)

MARIA MIZUKI DE MELO CRUZ OSERA

**O SEGREDO POR TRÁS DOS OLHOS ESTRANGEIROS QUE  
CRESCEM EM TERRAS DISTANTES: UM ENFOQUE SOBRE O  
JAPÃO**

Trabalho de conclusão de curso como  
exigência parcial para graduação no curso de  
Relações Internacionais, sob orientação da  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Lira

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Artemis Cardoso Holmes

---

Prof. Dr. Pedro Gustavo Cavalcanti Soares

---

Orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Lira

Recife  
(2022)

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este trabalho em primeiro lugar a mim mesma, pela força e perseverança para superar todos os momentos difíceis a que eu me deparei ao longo da minha graduação. Agradeço ao meu pai; Musashi, minha mãe; Flávia e minha irmã; Naomi, por serem essenciais na minha vida. Agradeço a toda minha família e amigos por me incentivarem a ser uma pessoa melhor e não desistir dos meus sonhos. E também aos meus grandes amigos da faculdade. Em especial, Petrus Belmonte, que me apoiou desde começo até o fim neste trabalho de conclusão, e aos demais que permitiram que essa caminhada fosse mais leve e agradável. Agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização do meu projeto de pesquisa. Agradeço à minha professora orientadora, Luciana Lira, pelo empenho dedicado ao meu projeto de pesquisa, e aos meus professores por todo o ensinamento. Muito obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho aborda o conceito da identidade étnica, observada principalmente em povos submetidos a movimentos migratórios internacionais. Para isto, foi selecionada a identidade nipo-brasileira, pela complexidade na categorização e formação ao longo das décadas. Desta forma, o trabalho foi construído baseado, principalmente, na história de vida da autora; suas vivências atuais e anteriores como nipo-brasileira. Verifica-se que esta identidade é criada através da mistura das raízes formadas pelos imigrantes no país acolhedor, e com remanescentes da cultura do país de origem. Ela é então herdada pelos descendentes destes imigrantes, que passam a se identificar fortemente com o país dos seus antepassados. No entanto, será exposto o conflito de identidade enfrentado por eles, quando na volta ao seu país ancestral, não são reconhecidos como japoneses, mas estrangeiros, e preteridos nas relações sociais, econômicas e políticas locais. Ao passo que não se reconhecem como brasileiros, é exposto o processo de crise e reformulação de identidade como nipo-brasileiro. Para compreender este processo, será primeiro abordado o conceito de identidade étnica nas Relações Internacionais, para então ser abordado um pano de fundo histórico das relações de imigração entre Brasil e Japão, e a consequente formação de raízes e heranças culturais até a contemporaneidade, com a volta dos herdeiros desta cultura ao seu país de origem.

Palavras-chave: identidade; etnia; nipo-brasileiro; migração; Japão; Brasil.

## ABSTRACT

The present study addresses the concept of ethnic identity, observed mainly in populations subjected to international migratory movements. For this, the Japanese-Brazilian identity was selected, not only due to the complexity in categorization and formation along the decades, but because of the author's life history; her current and previous experiences as a Japanese-Brazilian. It is verified that this identity is created through the mixture of roots formed by cultural assimilation in the host country, and the remnants of the culture of the country of origin. This identity is then inherited by the descendants of these immigrants, who begin to identify themselves strongly with the country of their ancestors. However, it will be shown the identity conflict faced by them, when they return to their ancestral country, when they are not recognized as Japanese, but as foreigners, and when they are neglected in the local social, economic and political relationships. While they do not recognize themselves as Brazilians, the process of identity crisis and reformulation as Japanese-Brazilians is exposed. In order to understand this process, we will first discuss the concept of ethnic identity in International Relations, and then discuss the historical background of immigration relations between Brazil and Japan, and the consequent formation of roots and cultural heritage until the present time, with the return of the heirs of this culture to their country of origin.

Keywords: identity; ethnicity; japanese-brazilian; migration; Japan; Brazil.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 CAPÍTULO I: A TEORIA DA IDENTIDADE.....</b>	<b>10</b>
2.1 Identidade social e cultural.....	11
2.2 Um novo conceito de identidade.....	12
2.3 Migrantes de retorno da diáspora.....	13
2.4 Pátria e identidade dos retornados da diáspora.....	14
<b>3 CAPÍTULO II: FORMAÇÃO HISTÓRICA DOS NIKKEIS NO BRASIL.....</b>	<b>16</b>
3.1 1908: Início da imigração japonesa no Brasil.....	16
3.2 A identidade japonesa formada no Brasil.....	18
3.3 Diferenças entre japoneses, Nikkeis, brasileiros e Gaijin.....	20
3.4 Situação atual dos nipo-brasileiros que vivem no Japão.....	21
3.5 Um modelo de identidade nipo-brasileira.....	22
<b>4 CAPÍTULO III:IDENTIDADE PÓS LEI DE CONTROLE DE IMIGRAÇÃO.....</b>	<b>25</b>
4.1 Reconstrução da identidade étnica nipo-brasileira.....	27
4.2 Características das identidades japonesas brasileiras internaciona.l.....	27
4.3 Entrevistas.....	28
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>
<b>ANEXO A – ENTREVISTAS.....</b>	<b>30</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre a formação das diversas identidades Nipo-brasileiras no Brasil, através do seu histórico e significado psicossocial, bem como suas crises, flutuações e reconstruções após o contato desses nipo-brasileiros na sociedade japonesa. Em primeira análise serão utilizadas as teorias de identidade e identidade étnica a partir das perspectivas de Erick Erickson e Stuart Hall.

A partir dessa junção de autores serão notadas as complexidades nas formações de identidades de indivíduos e grupos sociais afetados pelos movimentos migratórios e a consequente ambiguidade das suas identidades. Embora existam vários exemplos históricos desta ambiguidade, é ressaltada e selecionada para análise a complexidade do caso japonês, especialmente em sua relação a movimentos migratórios para o Brasil, e sua influência através de ascendentes na ideia que os descendentes têm do que é ser japonês e o que é o Japão. Essa ambiguidade também se apresenta, como será abordado pelos diferentes atributos culturais entre o Brasil e o Japão, que entram em conflito, e contextos socioeconômicos nos dois países.

Em segundo lugar será observado o contexto histórico desta formação de identidade japonesa no Brasil. Como será visto, trata-se de um processo iniciado ainda no século XX em Santos, como uma relação trabalhista temporária. Será abordado como as dificuldades naquele contexto social e econômico foram fatores decisivos para germinação de uma cultura japonesa no Brasil sendo preservada, e futuramente adquirida pelos descendentes que receberam esta carga cultural dos imigrantes que permaneceram em solo brasileiro. Serão atentados os detalhes legais e econômicos neste processo histórico com fatores importantes para imigração para o Brasil e na volta para o Japão.

Apresentado este pano de fundo teórico e histórico, serão abordadas as diferentes nomenclaturas para os diferentes contextos imigratórios e familiares, que influenciam no desenvolvimento de identidades. É com estas nomenclaturas que, no terceiro capítulo, será abordado o choque de cultura, de realidade econômica e social vivida pelos nipo-brasileiros e nikkeis, e a consequente crise que assola essa identidade étnica. A partir disso, serão abordadas as diferentes formas que estes indivíduos ressignificam e reconstróem as suas identidades, nem sempre permanentes, mas em flutuações e ciclos, até atingir a possível estabilidade. Para fundamentar estas ideias, serão apresentadas as diferentes experiências de

alguns indivíduos que se encaixam neste grupo, mas contextos sociais diferentes, na forma de entrevistas e depoimentos, onde discorrem sobre a formação das suas identidades.

## 2      **CAPÍTULO I: A TEORIA DA IDENTIDADE**

Neste capítulo, será abordado o conceito de identidade, bem como sua evolução nos campos de estudos psicológicos e sociais. Como ponto de partida, será apresentada e analisada a contribuição de Erik Erikson ao debate, cuja conceituação de identidade é considerada fundamental. Entendidos os conceitos iniciais, serão apresentadas as interpretações posteriores, contemporâneas, e ligadas a questões como pátria, fluxos migratórios e a ideia de identidade fora da ideia de nação, bem como aliada às interpretações do internacionalista Alexander Wendt.

Em primeiro lugar, é preciso destacar que, para Erikson (1994) a vida está dividida em oito estágios de desenvolvimento, cada um com as próprias “tarefas de desenvolvimento”. É ao longo destes estágios de desenvolvimento, e do cumprimento, ou não, destas tarefas, que a identidade do ser humano é construída e modificada ao longo da vida, sendo ela característica humana essencial. Quando estas tarefas não são cumpridas, e não são alcançadas as suas recompensas, os estágios são sujeitos a crises, levando ao conceito de crise de identidade. No entanto, expõe o grau considerável de imprecisão em qualquer definição oferecida sobre o sentido de identidade. Trata-se de um tema que, quanto mais aprofundado, mais incompreensível pode se tornar. No entanto, é possível sintetizar uma ideia compreensível de identidade, suas diferentes faces e aplicações.

A nível puramente individual, é observável que identidade é a consciência de que alguém é si mesmo, percebe-se e vive como ser vivo, ao mesmo tempo, compartilha certas características essenciais com aqueles da sociedade a que pertence. Prosseguindo para um escopo coletivo, o autor também observa a identidade como um “padrão” para a síntese do ego, a manutenção da “coerência” interna (solidariedade) com os ideais e a identidade de um grupo específico. Em outras palavras, a identidade é uma síntese do ego, coerente, uniforme e compartilhada entre um grupo ou por outros. No entanto, além da identidade do ego, há a auto identidade, podendo ser diferenciada da seguinte forma:

“Mas o que chamo de identidade do ego é o mero fato da existência “O acima, por assim dizer, a qualidade do ego deste ser “está relacionado a algo como a identidade do ego, portanto, é a seguinte consciência em seu aspecto subjetivo. A primeira é a consciência de que o método de síntese dos egos tem sua própria uniformidade e continuidade. Este método de síntese do ego é também o estilo da existência individual. Em segundo lugar, a consciência do fato de que este estilo é consistente

com a uniformidade e continuidade do significado do eu para outros importantes na comunidade com a qual ele contata diretamente” (ERIKSON, 1968;1973, 55, 56).

O senso de identidade do ego está focado na autoconsciência do método de síntese do ego, e é diferente da identidade pessoal na medida em que o relacionamento consigo mesmo se torna um problema. Além disso, Kawai (2013) aponta a seguinte diferença entre os dois: a identidade pessoal é baseada na percepção e observação. É no contexto da comunidade e da sociedade que um sentido mais abrangente de autoconsciência e auto identidade reflexiva se torna um problema, e por isso é necessário distingui-los. O senso de identidade do ego é não só a mutualidade, mas também a auto relação, se formando não apenas no contexto da interação, mas também na relação com a sociedade, diferentemente do senso de identidade pessoal. O próprio Erikson fez essa distinção e formou sua teoria da identidade em torno da identidade do ego. Por outro lado, a maioria das pesquisas subseqüentes nos campos da sociologia e da psicologia se concentrou na teoria do auto identidade. (SHIINO, 1980)

## 2.1 Identidade social e cultural

Depois que a teoria de Erikson foi proposta, seu conceito de identidade foi adotado em várias disciplinas, sendo uma das principais vertentes o estudo da identidade social. Nela, a identidade social é definida como um “grupo social, ou aspectos do autoconceito de uma pessoa e suas emoções, avaliações e outros aspectos baseados na associação à categoria relevância psicológica” (TURNER, 1987, p. 29). Então o indivíduo faz parte de um determinado grupo, e a identidade social é o autoconceito formado a partir da percepção e do sentimento de pertencimento. A identidade social também é chamada de identidade coletiva (SUZUKI, 2013) e incluem identidades nacionais e étnicas, subdivididas em várias categorias, cujas quais são definidas variadamente (KIN, 2011; TSUDA, 2014).

Tal interpretação pode ser intercalada à de Wendt (1994), que diferencia a existência de quatro categorias de identidades, partindo da premissa mais particular, pessoal, até a mais coletiva. As categorias são: pessoa física ou jurídica, tipo, função e coletiva. A primeira identidade é constituída de estruturas auto organizadas, responsáveis por diferenciar os atores entre si.

Construída esta identidade, há, o “tipo”; uma referência à categoria ou rótulo social, pessoas se encaixam em uma ou mais características semelhantes. Os tipos incluem aparência, valores, comportamento, atitudes, experiências, ou semelhanças geográficas, como região ou local de nascimento. Em terceiro lugar, surge a função; ela se refere à função que cada pessoa,

e cada tipo, exerce no espaço coletivo. A depender da organização da sociedade, as identidades de função podem, ou não, ser baseadas em atributos intrínsecos ao tipo (WENDT, 1994).

Na última instância, há a identidade coletiva. Ela é resultado da relação única das várias identidades de pessoa, de função e de tipo, criando uma “nova”. Esta identidade coletiva tem poder para induzir as pessoas e tipos a abrir mão ou definir os interesses dos outros como parte do seu próprio interesse. Em outras palavras, permite que eles possuam a noção construída de altruísmo.

Essa interpretação pode parecer ignorar o fator internacional, Wendt não ignorou como as interações entre os atores na política internacional moldam as identidades e interesses não só das identidades coletivas. No entanto, embora países possam se influenciar, negativa ou positivamente, construir identidades coletivas semelhantes ou contraditórias, há um problema ignorado; a geração de identidades modificadas entre os espaços dos Estados. Estas identidades, em ambas as sociedades, parecem não encontrar coesão suficiente para fazer parte da identidade coletiva, mesmo compartilhando semelhanças.

Conforme a globalização aumentou o fluxo migratório, identidades impossíveis de serem definidas em termos de nacionalidade ou etnia, passaram a ser observadas. Há, por exemplo, estudos que consideram identidades sociais que não podem ser englobadas pelas palavras “nacional” ou “étnica”, como é o caso de “identidades culturais”. (SUZUKI, 2008). Há, também, o argumento de que a identidade cultural é “sempre construída através de memórias, ilusões, narrativas e mitos, e é o ponto de identificação criado no contexto da história e da cultura.” (HALL, 1989). Hall também argumenta que a identidade cultural essencial também é uma posição criada na sociedade pós-colonial. Em outras palavras, “uma nação/uma cultura étnica é a soma dos esforços de um povo”, ou seja, é o que se considera “no espaço do pensamento que justifica e exalta”. (HALL, 1990)

## 2.2 Um novo conceito de identidade

As identidades, até então, foram definidas como “eu”, “papéis” e “sujeito” em pesquisas anteriores. Embora tenha sido estudado em relação a vários conceitos como “posição” e “subjetividade”, há casos em que existe clareza em como esses conceitos são usados. De acordo com Luk (2008), “em sua forma mais básica, identidade se refere ao nosso senso de “eu”, ou quem somos”. Basicamente, “eu” é um senso individual e um senso de quem somos. Já os “papéis” focalizam os aspectos estáticos, formais e rituais da identidade. Em

outras palavras, embora a pesquisa de identidade seja amplamente dividida em identidade e subjetividade, há casos em que as duas são tratadas como o mesmo conceito.

Esta última, por exemplo, se assemelha à identidade cultural descrita por Hall (1990, p. 94) "o ponto de identificação criado dentro do discurso da história e da cultura, identificação e "um ponto de sutura instável" é "um posicionamento em vez de uma essência". Em outras palavras, a identidade aqui é construída por meio da interação no discurso, e se refere à performabilidade apontada por Butler (1998). Em contraste, a primeira mostra como identidades acumuladas e historicidades são potencialmente trazidas para o discurso. Para Bourdieu (1988), o hábito é definido como um produto da história, e essas experiências passadas são sedimentadas, organizadas na forma de um esquema de percepção, pensamento e ação. Essa historicidade preserva a permanência da prática ao longo do tempo. Ou seja, a repetição de ações performativas na vida cotidiana (Butler, 1998) se acumula e se torna um hábito. Como aponta Baynham (2015), a identidade tem ambas as propriedades.

Além disso, no processo de construção dessa identidade, pensa-se que está envolvido o modo como o indivíduo quer ser visto e pelos demais participantes. Por exemplo, como aponta Goffman (1980), uma identidade que o indivíduo entende que pode ser estigmatizada, levará à consciência de não querer que ela seja conhecida pelos outros. Desta forma, no discurso, no agir e construir de uma nova identidade, não-estigmatizada, o próprio estigma está presente, de forma latente. Se tentarmos apreender essas duas identidades ao mesmo tempo, devemos também voltar nossa atenção para a consciência envolvida na construção de identidades performativas.

### 2.3 Migrantes de retorno da diáspora

Com o colapso da União Soviética, e conseqüente fim da Guerra Fria, muitos "migrantes étnicos retornados" surgiram em várias partes do mundo. Também chamados de "migrantes de retorno étnico" ou "migrantes de retorno da diáspora", migrantes étnicos retornados são indivíduos que retornam à sua pátria étnica depois de viver no exterior por mais de uma geração (SHEFFER, 2003; TSUDA, 2003). Embora a maioria desses retornados étnicos nunca tenha pisado no solo de sua pátria antes, eles "retornaram" à origem; o país onde seus ancestrais nasceram e cresceram.

No final da década de 80, por exemplo, os Aussiedlers<sup>1</sup> começaram a retornar à Alemanha, após décadas vivendo em países membros da URSS, como Romênia, Polônia e Cazaquistão. O número de migrantes étnicos retornados atingiu cerca de 3 milhões de alemães no início dos anos 2000. Da mesma forma, em meados da década de 90, quase cinco milhões de russos étnicos também retornaram à Rússia, vindos de repúblicas da Ásia Central recém-independentes, e países do Leste Europeu, como a Ucrânia. Mais de 1,5 milhão de judeus também imigraram para Israel, vindos da Europa Oriental e da União Soviética (MÜNZ & OLIGE, 2003; REMNNIK, 1998). Essas tendências não se devem apenas à depressão econômica e ao agravamento da situação política dos estados-satélite após a dissolução da União Soviética, mas também à ascensão do nacionalismo.

Outros contextos políticos e econômicos regionais também levaram ao movimento de migrantes étnicos. Por exemplo, a desaceleração econômica na América Latina, também na década de 80, levou pessoas de origem étnica em países europeus, como Portugal, Itália e Espanha, a migrar de volta para suas terras ancestrais. Esse contexto também levou diversas pessoas de ancestralidade nipônica, os Nikkeijin, a migrarem para o Japão. Neste período, quase 300.000 migrantes nikkeis do Brasil e do Peru retornaram ao Japão (TSUDA, 2009).

#### 2.4 Pátria e identidade dos retornados da diáspora

Conforme observado, os migrantes de retorno étnico oferecem diversas possibilidades de pesquisa. Uma destas interessantes questões é como a migração de retorno étnico afeta as identidades étnicas e nacionais, quando em suas pátrias étnicas? Mesmo após vivenciar a migração de retorno étnico, esses migrantes têm a mesma identidade? Além disso, quais são os impactos desse retorno, e existem diferenças na experiência de retorno e na mudança de identidade entre os diferentes migrantes de retorno étnico?

Poucos pesquisadores abordaram estas questões. No entanto, foi possível observar que os migrantes étnicos retornados geralmente têm uma identidade distinta em sua terra natal. Lá, são frequentemente classificados como minorias étnicas, independentemente de quanto tempo tenham sido estabelecidos. Por exemplo, os americanos-asiáticos, mesmo que tenham vivido por várias gerações no país acolhedor, foram rotulados de "asiáticos" pela sociedade europeia dominante, sendo classificados como minorias étnicas. Tais coisas os

---

<sup>1</sup> Aussiedlers são "alemães étnicos". Tratam-se de pessoas de origem alemã e que se consideram alemãs, vivem ou viveram em estados do Leste Europeu, principalmente na União Soviética ou em outros países do Comecon.

lembram de suas origens, independentemente de quanto tempo tenham vivido na sociedade “acolhedora”.

Existem de 3 a 4 gerações de Nikkeis brasileiros radicados no Brasil, que emigraram e são chamados de “Japonês” pelos vizinhos. Além das diferenças culturais com outros brasileiros, além do auto identificação, eles mantêm, assim, sua própria etnia na vida cotidiana. No entanto, essas identidades étnicas mantidas também sofrem mudanças significativas em sua pátria étnica. Por exemplo, entre os retornados étnicos nipo-brasileiros desde a década de 1980, houve uma mudança significativa em sua identidade.

Como resultado do crescimento econômico do Japão nas últimas décadas, o mercado interno enfrentou uma escassez de mão de obra, especialmente trabalhadores manuais, na década de 1980. Como solução para a escassez de mão de obra, o governo japonês decidiu contratar trabalhadores nikkeis do Brasil e de alguns outros países da América Latina. O governo japonês emitiu vistos especiais para brasileiros descendentes de japoneses, permitindo-lhes trabalhar e se estabelecer no Japão. Por trás de tal decisão, havia uma crença etnocêntrica de que os trabalhadores nikkeis, sendo os mesmos “japoneses”, não prejudicariam a homogeneidade da sociedade japonesa. Como resultado, cerca de 300.000 trabalhadores nikkeis chegaram ao Japão em meados dos anos 2000. Do ponto de vista dos trabalhadores nikkeis, o Japão era, sem dúvida, sua pátria ancestral, e assim eles "voltaram para casa" com grandes esperanças e emoções elevadas (TSUDA, 1999a).

No entanto, logo ficou claro que as expectativas que eles acalentavam não eram reais. Tornou-se claro que, depois de chegar ao Japão, muitos começaram a trabalhar em fábricas em cidades industriais e logo começaram a sentir uma sutil discriminação e exclusão social. Os empregos que encontraram foram os chamados "3K" (difíceis, sujos e perigosos) que pagavam menos do que seus colegas de trabalho. E, em muitos casos, os trabalhadores nikkeis usavam uniformes diferentes dos de seus compatriotas. Geralmente é alugado por empresas de mão de obra temporária que fornecem mão de obra para fábricas e similares. Além disso, eles sentiam que seus compatriotas não queriam interagir com eles. Os funcionários japoneses regulares e os trabalhadores nikkeis não têm muita interação no local de trabalho



### 3      **CAPÍTULO II: FORMAÇÃO HISTÓRICA DOS NIKKEIS NO BRASIL**

Atualmente, há mais de 300 mil brasileiros no Japão; a maioria constituída de descendentes de imigrantes japoneses no Brasil. Suas memórias da imigração são, no mínimo, memórias do Japão construídas na comunidade japonesa no Brasil. Isso porque, no Brasil, é enfatizada a autoconsciência como requisito para ser um japonês respeitável. No entanto, após mais de duas décadas desde que os nipo-brasileiros voltaram para o Japão, o número de brasileiros nascidos no Japão está aumentando, invertendo a lógica; os pais passam lembranças do Brasil para seus filhos japoneses.

O seguinte capítulo examina o histórico das de formação das identidades japonesas no Brasil Japão no Brasil, bem como as diferenças entre elas, e como influenciam no processo de formação da identidade dos nipo-brasileiros. Em seguida, é apresentado o processo pelo qual os nipo-brasileiros que vão ao Japão, mudam sua autoconsciência: de japoneses, para brasileiros no Japão.

#### 3.1    1908: Início da imigração japonesa no Brasil

Nikkeis são descendentes de imigrantes japoneses, sem cidadania japonesa, que herdaram a educação, os costumes e a cultura japonesa diretamente dos imigrantes japoneses no Brasil (neste caso de seus pais e/ou avós). Para analisar como para analisar a formação da comunidade. Para analisar a formação dos Nikkeis, e como a identidade dos imigrantes japoneses e seus descendentes mudaram no processo de formação, será necessário apresentar um breve contexto histórico.

A imigração japonesa no Brasil inicia exatamente em 18 de junho de 1908, quando o navio japonês *Kasato Maru* desembarcou no porto de Santos, com um grupo de 781 japoneses a bordo. Na época, o Japão enfrentava forte desemprego, gerado pelo declínio do sistema feudal e crescente mecanização do trabalho, enquanto o Brasil carecia de mão de obra para o cultivo do café; produto mais importante da economia. Ryu Mizuno, fundador do movimento de imigração japonesa, e da companhia imperial de colonização, foi principal agente na imigração japonesa, resolvendo os dois dilemas. Mizuno havia fechado acordo com o governo de São Paulo, fornecendo os imigrantes japoneses como trabalhadores nas lavouras. Além disso, um acordo anterior, firmado entre os líderes do Japão e do Brasil, facilitou ainda mais a entrada desses estrangeiros, fornecendo o *ponto ótimo* para o início da imigração.

Inicialmente, os imigrantes trabalhavam como colonos (trabalhadores contratados) em fazendas de café, por contrato. As ferrovias, ainda em construção, que ligavam a cidade de São Paulo para o norte, noroeste e oeste do estado, possuíam extensas áreas de cultivo de café ao longo das linhas Mogiana, Paulista e Araraquara. Poucos imigrantes optaram por permanecer nas fazendas após o término de seus contratos, que duravam em média dois anos, preferindo o caminho da agricultura de subsistência, ou negócios independentes, em áreas urbanas e suburbanas. Eles formavam fazendas coletivas e cooperativas agrícolas, para proteger suas atividades produtivas.

Baseado no espírito cultural de ser um bom agricultor, os imigrantes enriqueceram a agricultura brasileira, com o aprimoramento de espécies nativas e a introdução de novas variantes, enquanto os agricultores que se mudaram para os subúrbios se dedicavam principalmente ao cultivo de hortaliças. Até então, uma quantidade limitada de hortaliças, como tomate e repolho, era produzida no Brasil. Começando com as batatas, os agricultores Nikkeis introduziram uma variedade de vegetais, um após o outro, expandindo para a avicultura e o cultivo de árvores frutíferas, estabelecendo uma agricultura intensiva de horticultura nos subúrbios.

Antes da Segunda Guerra Mundial, escolas de língua japonesa foram construídas, servindo como centro das comunidades nos assentamentos e educando crianças para manter a cultura da pátria japonesa. Em muitas áreas, associações japonesas construíram escolas e forneceram instalações educacionais para os governos estaduais, que por sua vez contratavam professores para ensinar português e outras línguas. Com a eclosão da guerra, no entanto, o Brasil e o Japão ficaram de lados opostos, levando com que o governo brasileiro suspendesse a entrada desses imigrantes e impedisse o uso de idiomas e manifestações culturais nipônicas. Todas as escolas de língua japonesa foram forçadas a fechar. Após a guerra, em 1950, a Federação das Escolas de Língua Japonesa foi estabelecida, recomeçando o trabalho de manter a cultura japonesa e seus pontos fortes como diligência, sinceridade e honestidade.

Desde então, em meio à globalização e a mudança geracional, o japonês tem sido ensinado como língua estrangeira e também como língua de herança. Depois de todo processo de guerras e conflitos, a cultura japonesa no Brasil expandiu, contando com quatro gerações. São, respectivamente, os *Isseis* (imigrantes japoneses), *Nisseis* e *Sanseis* (descendentes), e os *Yonseis* (bisnetos de japoneses).

No Japão de 1950, os trabalhadores que se ausentavam temporariamente das suas regiões, procurando outras mais desenvolvidas, foram chamados Decasséguis, significando literalmente “trabalhar fora de casa”. Decasséguis cruzaram os oceanos em direção ao Brasil em busca de uma vida promissora, mesmo diante de uma perspectiva sombria de uma terra distante, que prometia prosperidade e bem-aventurança. Tiveram coragem de mudar, trabalhar duro e economizar o máximo para voltarem ao país de origem. O sonho, no entanto, se distanciava cada vez mais. Com o passar do tempo, os japoneses enraizaram sua família e sua cultura no Brasil. Os anos prosseguiram, o Japão se reconstituiu e é hoje um país com tecnologicamente avançado, enquanto no Brasil, mesmo rico em recursos, tem enfrentado anos seguidos de crise e desemprego.

O fator inicial para os Decasségui foi a situação econômica no Japão em contraste com a do Brasil entre a década de 1980 e 90. A grave situação econômica foi descrita como a “década perdida”. Desde 1985, no Japão, principalmente imigrantes do pós-guerra ou de dupla nacionalidade, retornam para “casa” para começar “trabalhar como migrante”. Eles não iam ao Japão por serem “japoneses”, e sim por ter a possibilidade de “ir para casa”. No entanto, para membros da identidade japonesa, era considerado embaraçoso ir trabalhar como imigrante. Todos eram cientes das conotações negativas do termo Decasségui. Naquela época, havia uma oposição profunda ao trabalho migrante na sociedade Nikkei, e o trabalho migrante era “algo para ir secretamente”.

Depois da Primeira Guerra Mundial, o fluxo migratório entre Japão e Brasil aumentou. O Japão contava com grande uma densidade populacional, e os imigrantes foram dispersos principalmente para as Américas. Atualmente, no Brasil vivem meio milhão de japoneses e descendentes. Apesar de estarem presentes em todo o Brasil, grande parte habita no estado de São Paulo, seguido do Paraná, Matogrosso do Sul e Pará. As dificuldades enfrentadas pelos japoneses foram muitas, principalmente em relação ao clima, idioma, costumes, alimentos, etc. A maioria desses japoneses queriam trabalhar e juntar o necessário, para então voltar ao seu país de origem, mas graças a essas dívidas, foram impedidos de voltar.

### 3.2 A identidade japonesa formada no Brasil

Após mais de 100 anos da chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil, a autoconsciência e o sentimento de pertencimento (identidade) dos imigrantes japoneses e

nipo-brasileiros passaram por diversas mudanças. Muitos nipo-brasileiros sentem que têm nacionalidade brasileira, falam português e estão integrados à cultura e aos costumes brasileiros. Por outro lado, pode-se afirmar que também estão conscientes do fato de terem sangue japonês e carregarem o símbolo do Japão em seus ombros. De acordo com Takashi Maeyama (1982), os imigrantes japoneses tornaram-se japoneses morando no Brasil.

Quando se dedicavam principalmente ao cultivo de café nas terras cultiváveis do Brasil, havia uma situação de variedade racial. Ou seja, imigrantes de outros países (italianos, alemães, espanhóis, etc.) e negros brasileiros estavam entre os trabalhadores. Portanto, os imigrantes japoneses eram chamados de japoneses, tratados como tal, e gradualmente se tornaram japoneses. No entanto, o significado de “japonês” mudou, junto com a própria percepção de sua relação com a sociedade brasileira.

Entre os primeiros japoneses que imigraram para o Brasil, até os atuais; há diversas diferenças; a razão para a imigração, o objetivo, o tempo que permanecem, entre outros fatores. Maeyama (op. cit.), por exemplo, divide o processo em três estratégias: a estratégia migrante primária, a secundária, e a estratégia de residência permanente.

A estratégia migrante primária se refere à migração que visa ganhar dinheiro através do trabalho de curto prazo, e corresponde aos imigrantes japoneses no Brasil no início do século XX. Como abordado anteriormente, a economia japonesa enfrentava sérios problemas, impactando especialmente agricultores e trabalhadores relacionados. Nessas circunstâncias, muitos japoneses emigraram para o Brasil com a intenção de retornar ao Japão após acumular riqueza por vários anos. As coisas não saíram necessariamente conforme o planejado. Em primeiro lugar, a superprodução e a queda do preço do café no Brasil resultaram em más condições de trabalho para os imigrantes, dificultando o sustento de seus meios de vida; não havia lucro, logo, seu trabalho se tornou de subsistência. Como resultado, um número crescente de imigrantes permaneceu no Brasil sem poder retornar ao Japão. Por outro lado, o colapso do sistema de grandes cafezais no Brasil permitiu que os imigrantes comprassem ou alugassem pequenas propriedades destinadas ao loteamento, fazendo a migração passar de um plano de curto prazo para um de longo prazo.

A segunda estratégia migrante se refere à mudança de finalidade do trabalho migrante; para os japoneses, a perspectiva de permanência no Brasil havia se tornado mais longa. Muitos dos imigrantes que enfrentaram problemas em relação à educação dos filhos, nasceram no Brasil e pretendiam trazê-los de volta ao Japão, onde cresceriam na cultura

brasileira. Além da facilidade de aquisição de terras auto cultivadas, houve um grande impacto na transição da segunda estratégia migrante para a terceira estratégia de residência permanente. Nas décadas de 1930 e 40, situações internas e externas em torno do Japão e do Brasil mudaram. Enquanto o Japão iniciava uma guerra na Ásia, no Brasil, com o estabelecimento do governo Vargas, uma forte política de integração nacional foi implementada, e o ensino de línguas estrangeiras e a cobertura da mídia em línguas estrangeiras foram proibidos.

O modelo de Maeyama, que argumenta que os imigrantes japoneses passaram por essas três etapas para se estabelecer no Brasil, explica a mudança na consciência dos imigrantes e o processo de formação da comunidade Nikkei. Além disso, como a imigração do Japão para o Brasil continuou até o início da década de 1970, o fato é que a influência dos imigrantes de primeira geração na comunidade Nikkei no Brasil continua forte até as décadas atuais. Por isso, Nisseis e Sansseis, que compõem a maioria da comunidade Nikkei e não conhecem o Japão diretamente, veem o Japão pela imagem criada no Brasil ao longo de muitos anos, e a imagem do Japão de que falam os imigrantes de primeira geração, estão entrelaçadas. De qualquer forma, a relação entre brasileiros e japoneses na atual noção de identidade Nikkei é, muitas vezes, algo que pode ser descrito como sendo “japoneses e brasileiros ao mesmo tempo”.

No entanto, vindo para o Japão, vivendo na sociedade japonesa e conhecendo japoneses comuns, a imagem do Japão, que estes descendentes criaram no Brasil, e o símbolo do que é ser japonês, entram em conflito e desmoronam. Até vir para o Japão, o japonês descendente tem o orgulho ser japonês. No Japão, no entanto, isso não tem significado, e esse indivíduo é tratado apenas como estrangeiro. Como resultado, eles sentem mais brasileiros, do que quando moravam no Brasil. Ou seja, como aponta Maeyama (op. cit.), da mesma forma que os japoneses se tornaram japoneses no Brasil, os Nikkeis foram feitos para reafirmar sua consciência de serem brasileiros no Japão.

### 3.3 Diferenças entre japoneses, Nikkeis, brasileiros e Gaijin

A ideia nipo-brasileira de ser japonês, tanto no Japão quanto no Brasil, é sustentada por uma imagem estereotipada, que enfatiza apenas o lado positivo dessa identidade. Os Nikkeis-brasileiros usam palavras Nikkeis e japonesas quando se referem a si mesmos no Brasil. Quando os imigrantes japoneses analisavam pessoas, coisas e fenômenos no Brasil,

atribuíam sentido ao contrastar Japão e Brasil (MAEYAMA, op. Cit.). Os japoneses eram chamados de brasileiros e Gaijin, e a comida japonesa era chamada de comida brasileira. Dessa forma, os imigrantes criaram uma identidade japonesa como contra-conceito ao Brasil. Ainda hoje, no Brasil, o uso da linguagem baseada em tal conceito permanece entre os Nikkeis. No caso do autor, quando criança, aprendeu a palavra Gaijin no Brasil que significa não-japonês. Em outras palavras, eles usaram a palavra Gaijin sem conhecer o significado original (significando, “estrangeiro”). Chama a atenção que os nipo-brasileiros, muitas vezes, se referem a outras pessoas além de si mesmos pelos nomes de Gaijin e brasileiros, na sociedade brasileira, enquanto no Japão, eles se referem a si mesmos, é que eles usam brasileiros além de Nikkei. Em outras palavras, os brasileiros de ascendência japonesa tinham o conceito de serem japoneses em oposição aos brasileiros.

Atualmente, entre os Nikkeis; que têm cultura ligada ao Japão, e vivem no Japão, o termo “japonês” não se refere a eles. Neste sentido, Nikkeis são uma comunidade própria, uma identidade própria. Portanto, os Nikkeis no Japão usam os termos “brasileiro” e “nikkei” de forma intercambiável, quando se referem a si mesmos. Então, as qualidades negativas dos brasileiros, que eram atribuídas aos Gaijin, e dos brasileiros, foram passadas para os japoneses, com os Nikkeis recebendo apenas qualidades positivas. Nikkeis são japoneses para não Nikkeis (como brasileiros), mas para os japoneses, eles são brasileiros.

### 3.4 Situação atual dos nipo-brasileiros que vivem no Japão

Desde a década de 1990, o número de brasileiros que foram para o Japão começou a aumentar significativamente. Hoje, a população ultrapassa 310 mil, sendo a maioria composta por descendentes de japoneses (Associação de Imigração, 2007). No Japão, os Nikkeis se referem aos descendentes de imigrantes japoneses que não possuem cidadania japonesa. A maioria dos Nikkeis que estão visitam o Japão atualmente, são de segunda e terceira geração, e muitos deles se sentem estranhos com a língua japonesa e outros costumes, quando vivem no Japão. Dessa forma, tornou-se possível a vinda de japoneses de segunda e terceira geração para o Japão, com a revisão da Lei de Controle de Imigração reconheceu o status de residência permanentes dos Nikkeis até a terceira geração e seus cônjuges. Os japoneses de segunda geração receberam o status de cônjuge japonês e os japoneses de terceira geração receberam o status de residente permanente.

Entretanto, foram os filhos de japoneses Decasséguis que migraram para o Japão em busca de trabalho. Eles trilharam um caminho inverso de seus ancestrais, em busca de uma vida promissora e salários mais elevados em comparação ao Brasil, mas caem em desengano. A maioria das pessoas são recrutadas pelas agências de emprego denominadas de “empreiteira”, registradas ou não perante as autoridades governamentais de ambos os países, e que se dedicam ao recrutamento e envio de mão de obra de nipo-brasileiros para o Japão (Harada, 2008, p.285). Embora existam empresas idôneas, muitas delas causam problemas aos migrantes devido, principalmente, ao desconhecimento da língua japonesa, quando esses assinavam documentos que os obrigavam a pagar taxas exorbitantes na execução de serviços prestados pelas empreiteiras. Percebe-se também que o trabalho ilegal conduz a contratos de trabalho baratos. Os treinamentos ou capacitação técnica dos Decasséguis, em geral, são considerados pelas empresas como um desperdício, já que se trata de investimento em pessoas sem contrato. É mais comum também conceder os trabalhos mais fáceis e atrativos aos funcionários da empresa, restando aos Decasséguis os trabalhos considerados menos atrativos, desimportantes considerados duros, sujos e perigosos. Os brasileiros são inclusos ainda em outras duas características: exigentes e detestáveis. Desta forma são 5 os casos que definem o trabalho dos nikkeis do Brasil no Japão: Kitsui (duro, pesado); Kitanai (sujo); Kiken (perigoso); Kibishū (exigente); Kirai (detestável). (Ferreira, 2001 e 2007). Acrescente-se ainda o fato de que é bastante difícil a passagem do trabalho ilegal para o legal no Japão. (Rossini, 1994 e 2007, Yoshioka, 1994).

Mesmo depois de conhecerem na prática essa realidade, desejo de serem aceitos pelos japoneses continuam evidentes, por se tratar do seu país de origem. A procura e a necessidade de uma vida melhor, porém, fazem com que os Nikkeis se esqueçam de questões como a criação dos filhos com o próprio futuro; se permaneceriam no Japão ou se retornariam para o Brasil. A partir desse momento, há uma mudança na reavaliação da identidade, buscando uma vida mais parecida possível com a sociedade japonesa, portanto, não deixando para trás a sua identidade brasileira.

### 3.5 Um modelo de identidade nipo-brasileira

Os Nikkeis no Brasil são identificados por outros como japoneses. O Japão e os japoneses têm significados positivos como seriedade e diligência. No entanto, os Nikkeis (Nissei e posteriores) nascidos e criados no Brasil, o Japão e o povo japonês nada mais são do

que um único símbolo. Em outras palavras, um japonês sério e diligente tem um significado superior na vida da sociedade brasileira, que é um símbolo com o qual os nipo-brasileiros se identificam. Por exemplo, quando os Nikkeis estão no Brasil, eles se identificam como japoneses com uma imagem positiva. Ao mesmo tempo, têm uma imagem negativa dos brasileiros. Quando os Nikkeis estão no Japão, eles se identificam com brasileiros que têm uma imagem positiva. Ao mesmo tempo, eles têm uma imagem negativa do povo japonês. Os nipo-brasileiros tendem a escolher uma imagem positiva ao viver em seu novo ambiente. Além disso, à medida que os nipo-brasileiros permanecem no Japão por mais tempo, eles podem formar uma identidade diferente dos dois extremos do japonês e do brasileiro. No caso dos Nikkeis-brasileiros, apesar de terem transitado entre o Japão e o Brasil, e sofrido diversas mudanças temporalmente, sua identidade como Nikkei, que sustenta sua existência, está firmemente mantida. É um sentimento composto por pessoas que compartilham a ideia de que descendentes de japoneses são estereótipos como virtudes japonesas.

A transformação observada na identidade dos nipo-brasileiros devido à sua longa permanência no Japão é uma mudança no significado de sua identidade como nipo-brasileiros quando chegaram ao Japão. Em outras palavras, quando veio ao Japão pela primeira vez, os Nikkeis eram japoneses virtuosos que foram ensinados no Brasil. Ao vir para o Japão, eles começaram a enfatizar sua identidade como brasileiros, em oposição ao conceito de povo japonês e ao agrupamento de Nikkeis e não Nikkeis vindos para o Brasil (Nikkei = brasileiros). A partir do que se segue, pode-se ver que os nipo-brasileiros perceberam que para viver uma vida melhor no Japão, eles são Nikkeis que têm os pontos positivos do povo japonês e os pontos positivos do Brasil.

Por outro lado, e as crianças que crescem no Japão? No caso dos pais, a vinda ao Japão muda sua identidade de japonês para brasileiro. Mas com crianças, essa lógica não se aplica. Isso porque muitas crianças não conhecem ou não se lembram diretamente do Brasil. Muitas crianças brasileiras usam o japonês diariamente, sugerindo a possibilidade de ter as mesmas experiências que as crianças japonesas enquanto frequentam as escolas japonesas. Hoje, quando o número de crianças nas áreas rurais e no Japão está aumentando, o Brasil é uma memória do Brasil ensinada pelos pais que não são uma memória realista, mas sim de lembranças. Por esta razão, pensa-se que as crianças irão desenvolver uma identidade como japonesa no processo de adaptação à sociedade japonesa.



Podemos compreender os marcos históricos que alcançaram com a chegada dos imigrantes japoneses no Brasil. Sequer se imaginava que, atualmente o Brasil e o Japão cultivariam um importante laço de amizade e parceria, pois outrora os dois países não tinham uma relação favorável, principalmente na Segunda Guerra. Apesar desses conflitos consequências positivas dessa história surgiram, para fortalecer os laços entre as duas nações. Uma dessas inúmeras consequências é alvo desse estudo, e tenta respeitar aspectos que se acredita estar em evidência no contexto atual da comunidade nipo-brasileira.

Atualmente, para que se mantenha a cultura nipo-brasileira por não descendentes de japoneses, ou seja, Nikkeis, Sanseis e Yonseis que são netos e bisnetos de japoneses as associações nipo-brasileiras são as que se encarregam de reavivarem as tradições culturais que ensinam os descendentes de Japoneses a manterem a sua cultura no Brasil.

As associações, além de zelar pelo valor e reputação sem perder o seu espírito de difusão da cultura nipo-brasileira, vem a esclarecer os valores nipo-brasileiros para que possam ser compartilhados. Isso se dá pelo crescente deslocamento de Nikkeis que trazem do Japão uma bagagem cultural muito expressiva contribuindo assim para que as associações permaneçam compartilhando os valores nipo-brasileiros com a sociedade brasileira. Gerando assim, uma grande transformação social no Brasil. Existe uma grande concentração de Nikkeis que vivem no Japão e são eles que importam e exportam ambas as culturas. Portanto, se for dado um suporte maior eles podem triunfar no Japão e serem portadores da cultura nipo-brasileira.

As pessoas migram para outros países por vários motivos, incluindo instabilidade econômica, desastres ambientais, perseguição religiosa em seus próprios países e até cruzar fronteiras por causa dos outros ou em busca de maior felicidade. Os nipo-brasileiros residentes no Japão, emigraram devido ao contexto econômico entre o Japão e o Brasil. Voltado para o Brasil, e com a deterioração da economia brasileira na década de 1980, eles visavam o Japão, que era também sua pátria ancestral.

#### 4 CAPÍTULO III: IDENTIDADE PÓS LEI DE CONTROLE DE IMIGRAÇÃO

Desde a metade final da década de 80, o número de novos estrangeiros aumentou rapidamente, especialmente após a aplicação da Lei de Controle de Imigração e Reconhecimento de Refugiados revisada (LCIR), já em 90. Consequentemente, o número de novos estrangeiros e pesquisas sobre Nikkeis também está aumentando. No entanto, é possível argumentar que uma pesquisa sociológica abrangente, partindo do aspecto psicológico da identidade étnica, ainda não foi vista. Esta seção enfoca, portanto, a identidade étnica, examinando a situação onde os nipo-brasileiros estão inseridos na sociedade japonesa, interpretando sua existência.

O foco na identidade étnica é considerado o principal fator no comportamento de japoneses ante os nipo-brasileiros, já que estes últimos, caracterizados pela dupla etnia, são diferentemente tratados no Japão, nas suas condições urbanas e seus espaços de convivência. Desta forma, é possível elencar quatro razões para a escolha dos nipo-brasileiros, entre os novos estrangeiros:

Em primeiro lugar, é no Japão, onde a taxa de fixação de estrangeiros é baixa, que a característica de dupla etnia é um fator para as pessoas que retornam. Entre estes novos estrangeiros, atualmente, existem apenas Nikkei. A segunda razão está na ideia de que, para os descendentes de japoneses, o Japão é a cidade natal de seus pais e ancestrais. Quando viajam para o Japão, de alguma forma já carregam características japonesas. Essa característica é bastante comum nos Nikkeis, e portanto, é concebível que tenham desenvolvido uma identidade étnica única, digna de separação e análise dedicada.

Em terceiro, como pode ser visto nas medidas especiais para nikkeis sob a LCIR, ela funciona sistematicamente como uma zona tampão para e entre os estrangeiros em geral. Trata-se de uma pista de que a forma de enfrentamento da sociedade japonesa pode ser universalizada no caso de outros estrangeiros residentes no Japão. Por último, pode-se limitar nikkeis a descendentes de japoneses, por serem membros importantes desde a revisão da LCIR. Ademais, há diferenças nas sociedades em que nasceram e cresceram, como a origem histórica de seus ancestrais que imigraram para o Japão, a história das comunidades nikkei nos países imigrantes, a situação atual nos países imigrantes e as características da sua relação com a sociedade que acolhe. Isso se deve ao fato da influência na formação das identidades étnicas ser diferente.

Antes de prosseguir, no entanto, é importante abordar a ideia de isseis; japoneses que viajaram para o Brasil como imigrantes, que não adquiriram a nacionalidade brasileira, ou que possuem ambas as nacionalidades. O termo também pode se referir a um conceito mais amplo, que inclui pessoas que saíram do Brasil para o Japão, quando tinham uma base de vida, e estão morando lá. Embora o termo nikkei-brasileiro não seja usado no Brasil, é possível referir-se a estes isseis como nikkei-brasileiros; algo que será realizado neste trabalho.

#### 4.1 Reconstrução da identidade étnica nipo-brasileira

No Japão contemporâneo, os nipo-brasileiros frequentemente acabam se deparando com perguntas, vindas de japoneses, como “por que você parece japonês mesmo sendo brasileiro?” ou “por que você não fala japonês, mesmo parecendo um?”. Para nipo-brasileiros, este é o momento de choque; onde uma faísca explode um conflito interno adormecido, que muitos sequer tinham noção da existência. Surge o autoquestionamento e uma consequente crise de identidade. “Quem sou eu?!”

Quando um indivíduo é incapaz de encontrar uma resposta, mesmo temporária, para sua essência, seu mundo interior treme violentamente e entra em estado de conflito, cujo resultado é identidade fraturada e em constante conflito. Este é o estopim para que a maioria inicie uma “jornada” de reconstrução ou compreensão da identidade. Muitos voltam para “casa”. Isto é, voltam ao seu país de nascença, magoados e desapontados, em um estado de crise e conflito perpétuo. Estes indivíduos, às vezes, recorrem a identidades temporárias, insustentáveis a longo prazo, que logo levam a um novo espiral. Outros encontram suas próprias respostas e constroem um lugar ao qual pertencem, a longo prazo. Tais flutuações, e a formação de uma nova identidade, são bastante influenciadas pelo estilo de vida urbano dos nipo-brasileiros, já estabelecido. Na próxima seção, serão abordadas as características destas identidades, que servem de âncora para a reconstrução interna do indivíduo.

#### 4.2 Características das identidades japonesas brasileiras

Geralmente, a identidade étnica dos nikkeis-brasileiros na sociedade japonesa é flutuante. Essa flutuação caracteriza as personalidades “fronteiriças” e as variações entre as identidades étnicas nikkeis-brasileiras. Com “fronteiriço” se descreve o estado de conflito e confusão que os nipo-brasileiros vivenciam na sociedade japonesa. O estado de oscilação antes da reconstrução da identidade, o estado de oscilação após a reconstrução, e o estado de oscilação entre cada categoria de identidade étnica que adotem. Em suma, essas diversidades e limites

decorrem justamente do paradoxo de sua “liberdade” na ausência de identidade predefinida; não têm escolha a não ser escolher seu modo de vida, de forma autônoma e independente, até estabilizarem-se.

Nesta busca, no entanto, é possível encontrar “fragmentos” de identidade, e utilizá-los como suporte. Um destes suportes é o fato terem “costumes japoneses”, antes mesmo da chegada ao Japão; afinal, é a pátria dos seus pais e avós. Essa singularidade também leva à percepção japonesa de que os nikkeis estão mais próximos dos japoneses do que de outros estrangeiros, enquanto esbarram com o caráter brasileiro dos nikkeis. Essa percepção está inextricavelmente ligada à percepção japonesa de sua unicidade e singularidade, o que pode explicar a renúncia da ideia de ser nikkei.

Devido a essa dualidade do lado japonês, a oscilação da identidade dos nipo-brasileiros tem uma amplitude máxima entre dois estados: os padrões comportamentais de referência, a serem assimilados, como sendo parente do japonês, e os padrões que são relegados à exclusão ou alienação, como não sendo japonês. Assim, mesmo após a reconstrução identitária, há sempre a possibilidade de oscilação entre Brasil e Japão, e entre cada grupo de referência. Outra característica da diversidade é encontrada no estado de reconstrução da identidade étnica dos nikkeis brasileiros e na complexidade de como a sociedade japonesa responde à gestão da identidade. Como reiterado, esta diversidade entra em conflito com o lado japonês; o padrão de não aceitar a diversidade, e a atitude baseada; tentar tratar todos os nipo-brasileiros na mesma categoria.

Como observado, esta seção foi dedicada à descrição das características dos nikkeis-brasileiros. Em suma, suas identidades étnicas flutuam fortemente, devido à sua singularidade, mesmo identidades convergem em algumas características. Neste sentido, levanta-se o seguinte questionamento: no futuro, que rumo tomarão as diversas categorias de identidades étnicas nipo-brasileiras? Embora seja uma questão de difícil resposta, é possível vislumbrar a grande gama de possibilidades, através das entrevistas realizadas para este trabalho, como será exposto na seção seguinte.

#### 4.4 Entrevistas

Visando manter um certo correspondência entre os depoimentos, quanto a tema e duração, foi elaborado um roteiro para a entrevista, disponível no Anexo A, estruturada ao redor de três perguntas, oferecendo uma flexibilidade como contrapartida. As primeiras duas questões se referem à identidade, e como foi realizada a formação da identidade dos entrevistados

no Japão e/ou no Brasil. A terceira e última questão se refere à importância da relação com os outros nisseis/nipo-brasileiros para a formação e sustentação da identidade dos entrevistados.

## 5 CONCLUSÃO

Relacionando as entrevistas às ideias já debatidas sobre identidade, crise e identidade étnica, é possível observar que a identificação dos nikkeis com a etnia nipo-brasileira surge de fatores semelhantes, embora se desenvolvam em diferentes meios e intervalos de tempo. O principal fator semelhante é a imersão destas pessoas em figuras influentes (suas famílias, associações, etc.) ligadas à imagem do que é ser japonês, e o que é o Japão. Grande parte desta influência pode ser apontada, partindo das inúmeras associações nipônicas históricas, que garantem a sobrevivência da cultura nipônica por várias gerações.

No entanto, estas imagens, muitas vezes, recebem uma conotação enviesada, pelas associações, ou nostálgica, por ascendentes que lá viveram. Desta forma, há uma forte conotação simbólica positiva, onde dedicação, trabalho e honestidade, criam uma atração para a identificação dos nikkeis. A consequência desta imagem é apresentada quando visitam ou se mudam para o Japão, passando por experiências semelhantes com seus antepassados; vivem em um ambiente populado por japoneses, onde o idioma utilizado é o japonês, mas mesmo assim são sempre referidos de forma depreciativa como brasileiros.

Na prática, então, um brasileiro nikkei tende a se identificar como um "nikkei-brasileiro", que é diferente dos outros brasileiros, por ser nikkei, e ao mesmo tempo diferente dos japoneses, por ser brasileiro. Cria-se também um caminho inverso, onde a herança de ser brasileiro é carregada até o Japão, cuja imagem do Brasil, trazida pelos pais, cria sua identidade étnica e simbólica de brasileiro

## REFERÊNCIAS

CONSTITUIÇÃO do Japão, **Câmara dos Deputados no Japão**, 1947. Disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/pdf/constituicao.pdf> Acesso em: 10 de abr de 2022.

DEJOURS, C. **A Banalização Da Injustiça Social**. Tradução: Luiz Alberto Monjardim. Rio De Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2005.

ISHIKAWA, E. A. **Memórias do Japão e Memórias do Brasil**: identidade nipobrasileira. Disponível em: <http://repository.tufs.ac.jp/bitstream/10108/52345/1/ifa010018.pdf> Acesso em: 30 de set de 2022

KAWAMURA, L. Família, Mulher E Cultura. In: **Resistência & integração**: 100 anos de Imigração japonesa no Brasil. Rio De Janeiro: IBGE, 2008.

MORAES, W. DE. **Relance Da Alma Japonesa**. 1. ed. Imprensa Nacional, 1926.

OKABE, M. S. **Quando Sou Brasileiro** No Japão: Identidade Nacional Dos Dekasseguis. Anais IV CONAPESC. **Anais...**2 set. 2019.

SUGIMOTO, L. Parece, Mas Não É. **Jornal Da Unicamp**, n. 178, p. 11, jun. 2002.

ROSSINE, Rosa Ester. **Identidade e Paisagem**: o enraizamento dos dekasseguis do Brasil no Japão. Disponível em: [http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografia-socioeconomica/Geografia\\_cultural/31.pdf](http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografia-socioeconomica/Geografia_cultural/31.pdf) Acesso em: 30 de set de 2022.

TODA, M. Resumo da apresentação sobre aspectos políticos e jurídicos dos Dekasseguis. In: NINOMIYA, M. (Org.). **Dekassegui**: palestras e exposições do Simpósio sobre o Fenômeno Dekassegui. São Paulo, SP: Estação Liberdade/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.

TSUNEZO, S. **História dos imigrantes no Brasil Imperial** Shoin, Kanda Jimbocho, Chiyo-da-ku, Tóquio. Editora: Sanno Publicado em 5 de jun de 1959.

## ANEXO A – ENTREVISTAS

**NOME:** Silvio Teruo Nagai

**IDADE:** 45 anos

**LOCAL DE NASCIMENTO ou RESIDÊNCIA:** Recife – PE

**ESCOLARIDADE:** Ensino médio completo

**PROFISSÃO:** Professor de Judô

(**Sílvio**) Me chamo Silvio Teruo Nagai, descendente de japoneses, mas nascido no Brasil. Apesar dos meus pais serem também descendentes, não temos nenhuma mistura de nacionalidade, ambas as partes de avós e avôs de filhos japoneses.

Aqui no Brasil sou considerado sansei por minha mãe ser da segunda geração, mas já no Japão eu sou nissei, por ser filho de japonês, que é o meu pai. Meu pai não nasceu no Japão, mas recebeu do meu avô a dupla nacionalidade ainda quando era pequeno, isso me tornaria um filho direto de japonês.

O fato de ter a descendência japonesa e ter bastante os *olinhos* puxados, posso dizer que incomodava muito a todos nós irmãos quando éramos pequenos. Ainda numa cidade onde havia pouquíssimas pessoas descendentes, sempre foi motivo de gozação. Colégio, nem pensar, e na hora da chamada quando vinha meu nome era sempre motivo de risos. Graças a internet o mundo chegou até nós e aí foi melhorando a fase de adaptação.

Hoje posso dizer que apesar de ser descendente, muitas portas se abriram ao meu favor como por exemplo: nasci numa família judoística, que viviam do judô para sobreviver, e hoje posso dizer que sou professor de judô dos melhores colégios do Estado. Não me formei, acabei trancando a faculdade antes de ir para o Japão mas, graças ao sobrenome e aos *olinhos* puxado, apesar da experiência muitos ainda ligam a arte marcial aos japoneses ou chineses que para os estrangeiros somos todos iguais, o que não é verdade. Trabalho também com sushi, e aí te pergunto; se você fosse um dono de um restaurante japonês, você daria emprego para um descendente ou um estrangeiro ambos com a mesma experiência? E aí?

Nisso posso dizer que o mundo desenvolveu e o conhecimento entres "pessoas" mudaram.

Ser descendente no Japão mesmo com olhos puxados você sempre continuará sendo um estrangeiro no Japão e no Brasil, sempre será olhado de forma diferente. Para os japoneses, um estrangeiro com cara de ocidental que não falam a língua deles é entendível, mas estrangeiros com cara de japoneses na terra deles e que não falam a língua é imperdoável, triste isso né, pois é, é o que todos os descendentes hoje passam no Japão por não falarem o seu idioma.



O brasileiro descendente que chegam ao Japão hoje ele precisa primeiramente se alinhar com outros Nipo-brasileiros, conhecer as regras e a cultura, saber o propósito do porque de estar no Japão, arrumar um emprego para sobreviver, iniciar estudos gratuitos que o governo japonês fornece aos imigrantes recém chegados, após a adaptação com a língua vem o desafio de entrar num emprego onde não tenha estrangeiros, apenas japoneses, para assim então acelerar o processo de aprendizagem da língua no país.

Na minha opinião como a experiência que tive, se um desses fatores acontecer na ordem contrária vai saber o desconforto e o desprezo pelos japoneses, que acontece na maioria das fábricas que trabalham estrangeiros que não falam a língua de origem.

Por isso é tão importante para a sobrevivência psicologicamente dizendo, a convivência com outros descendentes Nipo-brasileiros, aprender um pouco com eles antes de se misturar com o povo japonês.

**(Eu)** - Muito interessante a sua história Silvio! Então você se considera mais como brasileiro no caso?

**(Silvio)** - Com certeza, mas o coração pela metade, acho que a família toda em si preza muito a educação que tivemos, meu pai foi muito duro. Isso ajudou muito a todos se superarem em todos os sentidos.

**(Eu)** - De vocês serem fortes para viver na sociedade brasileira tendo a cultura e ensinamento japonês dentro de casa, né?

**(Silvio)** – Isso.

**NOME:** Marina Sayuri Oikawa

**IDADE:** 48 anos

**LOCAL DE NASCIMENTO ou RESIDÊNCIA:** São Paulo/SP

**ESCOLARIDADE:** Ensino médio completo

**PROFISSÃO:** administradora do lar

Sou nissei. Como impactou na minha vida? Onde morei, havia bastante descendentes de japoneses também. Então cresci com pessoas praticamente com a mesma cultura, não tive problemas nem impactos ou tive dificuldades por ser descendente de japoneses pelo contrário sempre fui bem tratada sem discriminação.

Eu particularmente no Japão não sofri nenhum tipo de preconceito, muito pelo contrário sempre fui muito bem recebida nos lugares por onde passei e com as pessoas as quais convivi. Apesar de não ser fluente na língua japonesa consegui me adaptar muito bem ao Japão. No Brasil também nunca tive algum tipo de preconceito as pessoas sempre me respeitaram.

Hoje em dia não tenho convívio com os nisseis pois onde moro não há muitos descendentes de japoneses. Mas o que posso resumir é que, eu vejo muitos nisseis que vieram do Japão, como avós por exemplo, eles trouxeram a cultura nipônica para o Brasil assim mantendo a cultura que tinham lá passando para os seus descendentes. Onde são muito sistemáticos, educados, rigorosos, e costumam cumprir com o que dizem. Ao meu ver os descendentes no Japão eles são muito mais unidos talvez por alguns estarem longe da família e amigos. Porém aqui no Brasil não são tão unidos como no Japão. Esse é o meu ponto de vista.

**NOME:** Musashi Osera

**IDADE:** 67 anos

**LOCAL DE NASCIMENTO ou RESIDÊNCIA:** São Paulo - SP  
**(Atualmente morando no Japão)**

**ESCOLARIDADE:** Ensino médio completo

**PROFISSÃO:** Operador e instalação de equipamento de trens (geral)

Sou brasileiro e tenho orgulho de ser brasileiro. Aqui no Japão sou gaijin. Eu fui para o Brasil com 4 anos de idade. Quem me deu a educação e a cultura japonesa foi a minha mãe. Ainda pequeno, tive um pouco de discriminação pelos brasileiros não quererem brincar comigo. Mas o impacto maior foi quando eu retornei para o Japão aos 33 anos de idade. Mas como eu já trabalhava em uma firma japonesa quando estava no Brasil, foi mais fácil de me adaptar no Japão, e também por conhecer um pouco da cultura e a língua japonesa.

O Japão, comparando com o Brasil, é um país organizado e seguro. Os japoneses trabalham muito para viver bem. Em compensação, no Japão, é mais fácil de ter as coisas como, casa, carro e etc. No Brasil é mais difícil. Eu sempre achava que o japonês morava em um lugar apertado. Mas na verdade não era isso. Eles trabalham muito para ter o seu próprio imóvel e o seu conforto, tudo do bom e da melhor qualidade. É muito esforço, por que é caro. Mas a verdade é que, para ter as coisas no Japão é bem mais fácil.

Ser brasileiro no Japão foi difícil. Tentei ser um cavalheiro pois foi assim que aprendi a ser no Brasil. Tentava ajudar as pessoas quando precisavam, mas como os japoneses são muito reservados, não conseguia mostrar a minha real identidade. Eu tenho fisionomia japonesa, e não sou nenhum pouco reservado, então para muitas pessoas eu acho que eu era um estranho puxa saco haha. Fiquei muito impressionado quando eu comecei a trabalhar no Japão. Sei que os japoneses trabalham muito, mas os brasileiros que trabalham aqui, é muito mais trabalhador e trabalham mais do que os japoneses. Fazem muitas horas extras para terem uma vida boa para a sua família.

Eu não conseguia me dar muito bem com os nisseis porque eles são muito unidos com própria etnia deles. Me dava melhor com os nisseis peruanos e paraguaios porque eles eram mais amigáveis e flexíveis. Mas a importância da relação com os nisseis ou nipo-brasileiros é justamente de preservar a nossa/minha história de quem somos, de onde viemos, e como construímos a nossa identidade a partir do momento que tivemos que sair do próprio país. Sou brasileiro, mas também carrego a cultura japonesa. E isso vou carregar para o resto da minha vida.

**NOME:** Anônimo

**IDADE:** 32 anos

**LOCAL DE NASCIMENTO ou RESIDÊNCIA:** Recife – PE

**ESCOLARIDADE:** Ensino superior completo

**PROFISSÃO:** Empresário

Sou nissei / Japonês (dupla nacionalidade). No Japão sente um certo receio por ser diferente. No Brasil, nada. Acolhedor por ser Nikkei/ japonês.

Ser nissei / japonês no Brasil é bom. Tem um tratamento e confiança “gratuita” (Confiança por já ser japonês. Sem eu pessoalmente conquistar a confiança. Um bônus a mais só pelo fato de ser japonês) por ser japonês. A cultura e culinária também é forte. E também sinto um dever de manter a boa imagem continuando sendo honesto e de confiança para as pessoas no geral.

A importância da relação com outros nisseis/nipo-brasileiros é quando tem esse “valor” compartilhado, é ótimo e a galera já se entende. Quando não, a pessoa não valoriza tanto a raiz ou os valores, é apenas uma pessoa comum como qualquer outra pessoa. Quase uma maçonaria.

**NOME:** Eliana Yassuda Barbosa

**IDADE:** 47 anos

**LOCAL DE NASCIMENTO ou RESIDÊNCIA:** São Paulo – SP

**(Atualmente morando no Japão)**

**PROFISSÃO:** Empresária

Sou sansei, fui com 17 anos para o Japão com os meus pais, me senti injustiçada por não poder terminar o colégio e achar que perderia um ano da minha vida. Quando chegamos, éramos discriminados por não saber direito a língua japonesa. Os brasileiros eram puxa-sacos e desunidos, cada um só pensava em ganhar seu dinheiro e ir embora.

Ser sansei no Brasil sofria bullying, me chamavam de japa, que eu deveria ser a primeira da classe e achavam que eu era rica, riam do meu sobrenome e davam apelidos. Ser

sansei no Japão me consideravam uma japonesa falsificada, já achavam que eu quase não tinha descendência japonesa porque meus avós que eram os japoneses e eu estava longe disso, ainda mais sem saber a língua japonesa. Os japoneses achavam que eu era obrigada a entender o que eles diziam pelo fato de eu ter cara de japonesa.

A importância de ter relação com outros nisseis seria uma comunidade unida, ter empatia ajudaria bastante, mas não é bem isso que eu vejo aqui no Japão.

**NOME:** Luiz Issamo Yoshida

**IDADE:** 70 anos

**LOCAL DE NASCIMENTO ou RESIDÊNCIA:** Paraná - cidade de Arapongas na comunidade Colônia Esperança (Atualmente reside em São Paulo)

**ESCOLARIDADE:** Bacharel em Administração de Empresas

**PROFISSÃO:** Aposentado

Sou nissei e isso teve um impacto positivo na minha vida com relação a educação, formação pessoal e integridade. Ser nissei para mim é um orgulho e sou muito feliz. Não tive muito contato com descendentes nipônicos, mas, das pessoas com quem me relacionei foi de suma importância para a formação pessoal. Me orgulho muito em ter a descendência japonesa.

**NOME:** Mayra Christie de Jesus Shimonishi

**IDADE:** 29 anos

**LOCAL DE NASCIMENTO E RESIDÊNCIA:** Aracaju – SE

**ESCOLARIDADE:** Superior completo

**PROFISSÃO:** Engenheira civil

Sou sansei. Por ser Sansei, tive a oportunidade de ir morar no Japão aos 3 anos de idade. Ao total morei no Japão durante 18 anos e receber a educação japonesa foi muito importante para a formação do meu caráter.

No início do Ensino Fundamental sofri com *Bullying* por ser a única estrangeira da escola. As meninas não queriam brincar comigo dizendo que se tocar em mim iria adoecer, falava para eu morrer, essa época de “adaptação” foi a mais difícil para mim. Por outro lado, os meninos me aceitavam e durante 6 anos nessa escola eu brincava com eles durante o recreio.

Ao longo do Ensino Fundamental, achava muito interessante as aulas de “Moralidade (Dootoku)”, onde tratava de assuntos como deficiência física, *Bullying*, desigualdade social, etc. Através dessas aulas as crianças aprendem a ter compaixão. Inclusive, durante uma dessas aulas eu tive a oportunidade de me expressar de como me sentia com os tratamentos que rece-

bia das meninas. Foi uma experiência dolorosa, mas hoje eu agradeço por ter passado por isso e faço diferente. Eu aprendi que devo tratar as pessoas como eu quero ser tratada.

Na segunda escola (ensino fundamental), aprendi a ter disciplina. Nessa escola as crianças aprendem a respeitar mais os professores e os veteranos. Para falar com os mais velhos tivemos que aprender a falar o japonês formal (Keigo) e os estudos passaram a ser mais difíceis. Nessa escola é obrigatório cada aluno fazer parte de um clube de esporte ou de arte. O mais interessante nessa fase para mim foi ter praticado o esporte coletivo, pois, parecia uma mini sociedade. Tinha muita briga e *bullying*, mas aos poucos aprendi a lidar com cada situação.

No Japão usa o esporte como um meio de educação. As crianças aprendem a determinar um objetivo e começam a se esforçarem para alcançar. Isso é muito importante para a vida inteira para sabermos claramente o que devemos fazer para atingir os nossos objetivos.

Durante o Ensino Médio tive a experiência de estudar, praticar esporte e trabalhar ao mesmo tempo. Diferente do ensino fundamental, a partir do ensino médio caso não atinja a pontuação mínima o aluno pode repetir de ano, isso exigia que eu estudasse com mais responsabilidade. O meu colégio incentivava os alunos para irem as universidades, então se tirar nota baixa o técnico não deixava participar dos jogos. Foi uma fase complicada e muito boa ao mesmo tempo porque consegui superar várias dificuldades sem deixar os estudos de lado. Vi que é possível dá o meu melhor em tudo, basta saber me organizar.

No meu time eu era a única que trabalhava, mesmo assim era a melhor nos estudos. Quando o técnico falava que eu era a melhor nos estudos, mesmo sem querer acabava incentivando as outras meninas se esforçarem mais. Achava isso muito bom e me sentia bem de estar sendo um exemplo para as minhas amigas.

Logo depois da formatura do Ensino Médio, tive que voltar para o Brasil. Eu não sabia falar, ler e escrever português, então tive muita dificuldade. Além do idioma, foi difícil me adaptar com o ambiente que é bem diferente do Japão. Em vários momentos tinha vontade de voltar para o Japão, mas não era possível.

Depois de um ano e meio estudando no Brasil, fui aprovada no curso de Matemática na Universidade Federal de Sergipe. Isso foi uma afirmação de que tudo que tinha passado no Japão era para eu conseguir viver em qualquer lugar do mundo. Consegui me organizar bem, tive disciplina até alcançar o meu objetivo. Não fui a universidade porque tive que retornar pro Japão para trabalhar.

Mais uma experiência fundamental foi ter trabalhado em duas fábricas no Japão. Trabalhava 10 horas por dia, de segunda a sábado. Era muito cansativo, mas dava o meu melhor

todos os dias. Algumas pessoas disseram que o tempo que eu trabalhei em fábrica foi perca de tempo, mas eu discordo totalmente. Se eu não tivesse trabalhado em fábrica, não saberia como meus pais se esforçaram para me dar a educação de primeiro mundo. Sou muito grata por tudo.

Depois de tanta experiência importante na minha vida, voltei para o Brasil sem os meus pais com o objetivo de cursar Engenharia Civil. Foi muito difícil devido ao idioma, mas o ensinamento que recebi no Japão não deixava desistir do meu objetivo. Quando ficava triste ou sentia dificuldades, lembrava dos momentos que passei no Japão e conseguia seguir em frente.

Portanto, viver no Japão foi um grande impacto na minha vida onde me permitiu ser uma pessoa forte que consegue caminhar sozinha em busca dos objetivos.

Ser sansei no Brasil é um privilégio, pois me sinto orgulhosa quando as pessoas elogiam a postura dos japoneses. Além disso, consigo enxergar as coisas de vários modos. É muito bom conhecer duas culturas diferentes, pois podemos absorver as coisas boas de cada país. Por exemplo, eu consigo organizar as coisas conforme aprendi no Japão e ter facilidade de me adaptar em cada lugar que eu vou porque eu gosto de falar com todo mundo. Os japoneses costumam ser mais tímidos, mas eu não sou.

Outro ponto legal é que as pessoas confiam muito nos japoneses. Quando eu falo que sou descendente de japoneses e fui criada no Japão, as pessoas perdem o medo de depositar a confiança e logo se interessa. Isso é muito bom na hora de fazer amizades e para conquistar clientes (já que eu sou engenheira civil).

É muito bom ter a relação com outros nikkeis porque consigo conhecer pessoas do Brasil inteiro que teve uma vida parecida com a minha (assim como conheci a Mizuki) e também consigo aprender mais sobre as culturas tradicionais que não prestava atenção enquanto morava no Japão.

Vejo também a importância de uma pessoa que viveu no Japão estar no meio da comunidade japonesa, pois às vezes as pessoas acham que o Japão é de tal modo, mas na realidade não é.